



SETUBAL — A RIBEIRA.

DOTADA de um magnifico porto de mar, felizmente accessivel em todas as quadras do anno; n'uma das melhores situações, que pôdem imaginar-se, entre o Tejo e a capital, grande centro de consumo, e a provincia do Alentejo, que pequenos esforços bastariam para collocar ao par das mais opulentas provincias de toda a peninsula hispanica; cercada de terrenos fertilissimos, que produzem deliciosos fructos, e os não menos deliciosos vinhos conhecidos pela denominação de *muscatel de Setubal*; possuindo as grandes marinhas do Sado, que fornecem o melhor sal, que se conhece, e que será sempre um dos ramos mais importantes do seu commercio; a notavel villa de Setubal é já uma das mais interessantes da monarchia, e pôde ser tma das mais ricas, se os abundantes recursos que ali se encontram fôrem convenientemente aproveitados.

O canal projectado, que devia unir Setubal á capital, pelo Tejo, se se realisasse, seria sem duvida uma grande e fecundo meio de engrandecimento para aquella povoação.

A nossa gravura, é copiada dos desenhos de um

VOL. II. — 3.ª SERIE.

habil e laborioso artista, já infelizmente defuncto, e representa o arco da ribeira, sitio animado e pittoresco, mórmente pela qualidade e quantidade de povo que o frequenta habitualmente.

Tudo o mais que se podia dizer acerca de Setubal e das suas cousas está publicado nos artigos impressos nos differentes volumes d'este semanario, e no n.º 5, já d'este anno; por isso nos dispensamos de reproduzir o que ali dissemos, e que é o que de mais essencial e curioso se encontrou á similhante respeito, enviando o leitor para aquelles artigos.

ESTUDOS LITTERARIOS.

Bernardin de Saint-Pierre.

III.

REGRESSANDO á sua patria novo e pungente desgosto veiu despedaçar-lhe o coração. A sua familia estava dispersa: a maxima parte dos seus parentes eram:

FEVEREIRO 19, 1853.

mortos. Por unico asylo restava-lhe a miseria, essa fiel e quasi inseparavel companheira do verdadeiro genio.

Cercado de privações, sem esperanza no futuro, que se lhe antolhava todo trévas, e porventura com o pensamento nas formosas utopias de Platão, Morus e Fenelon, Bernardin de Saint-Pierre meditou então essas obras immortaes, que se não mudaram os destinos do mundo, conquistaram para o auctor uma reputação litteraria, que póde dizer-se universal.

Educar um povo com os transfugas descontentes das nações civilisadas; ensaiar n'uma escala limitada o emprego de novos systemas, sem todavia alterar nem levemente o livre e pleno desenvolvimento da sociedade, tornou-se a idéa fixa do illustre auctor dos *Estudos da Natureza*. Não tinha o louco orgulho, como muitos depois d'elle, de ser o Messias, que regenerasse a humanidade. Aceitava os principios eternos das sociedades, tendo por unico fim, por unica esperanza — utopia sublime! — banir o mal; como se o estado da sociedade, vicioso e miseravel como é, nascesse apenas da constituição politica dos povos, como se elle não tivesse a verdadeira origem nas propensões innatas quasi, e naturaes do homem. Na sua theoria sublime, a propriedade era o thesouro da republica, a virtude a lei, a caridade o laço social, que prendia intimamente cada um dos associados. Mas Bernardin de Saint-Pierre não tinha como Guilherme Penn um credito de 17:000 libras sobre o thesouro inglez, para comprar no novo mundo um vasto territorio. Depois de muito reflectir julgou ter descoberto o meio de realisar o pensamento que o dominava. Na margem oriental do mar Caspio ha um fertil plaino, que se prolonga até o lago Aral, habitado por tribus nomadas. A excellente posição do logar entre a Europa e a Asia podia concorrer para ali se formar um emporio consideravel. Saint-Pierre julgou que este grandioso projecto deveria grangear-lhe o favor e protecção da Russia. Juntou pois o pouco que lhe restava do seu haver, e partiu para o imperio dos Czares.

Na sua viagem pela Polonia, Hollanda e Prussia colligiu importantes observações, que serviram de base aos seus livros futuros. *A viagem de Codrus* é uma reminiscencia d'essa epocha. Quando o joven francez chegou a S. Petersburgo, tinha Catharina II partido para o Kremlin. Sem meios, não podia ir a Moscow, e corria o grave risco de morrer de fome. A protecção do velho marechal de Munich salvou-o d'esse apuro, que já não era para elle novo. Abalou então para Moscow, foi apresentado á imperatriz, e expoz-lhe o seu famoso plano. Infelizmente foi mais uma decepção, que veio ferir a alma do joven entusiasta! O seu projecto foi posto de parte, e offereceu-se-lhe, em compensação, a oportunidade de representar o papel de um Leicester, Potenkin, ou de Orloff. Mas Bernardin recusou nobremente, e obtendo um logar de official, passou a viver isolado, e abandonou a corte. O seu talento foi util em muitas occasiões, em que o encarregaram de fazer muitos reconhecimentos militares. Encontrou-se então na posição conveniente de estudar aquelle paiz aonde o sol é fraco e pallido, aonde tudo é frio e gélido, aonde as noites são de dezeseis horas. Em suas excursões diz elle, que não encontrava senão miseraveis aldeas cada cincoenta leguas; os desertos succediam-se uns aos outros; a sua vista não podia far-se senão nos immensos horisontes de uma brancura de alabastro, paizagem melancholica e sombria, aonde, segundo a expressão de um poeta, o oceano parece ter deixado as suas espumas brancas e des-

lumbrantes. Meio seculo mais tarde — quem tal diria?! — eram aquelles mesmos desertos que os compatriotas de Saint-Pierre atravessavam como conquistadores. Mas então aquellas antigas e immensas florestas, que elle tinha medido com a vista, aquellas arvores gigantes que víra alvejar com o seu manto de neve, aos raios deslumbrantes das auroras boreaes, pareciam apenas tochas funebres na escuridão das trévas, para alumiar o feretro dos exercitos innumeraveis do Cesar moderno.

Dous annos depois, Bernardin de Saint-Pierre saiu da Russia, e marchou para a Polonia a offerecer os seus serviços a esses martyres da liberdade, e da independencia, que por sua nobre coragen merecem a geral sympathia. N'essa terra de generosos feitos pela primeira vez experimentou as dôces sensações do amor. Encontrou nos salões de Varsovia, uma joven princeza, bella e rica, e amou-a com delirio, e com entusiasmo febril. Cria ainda, como todos crêem aos vinte e cinco annos, que é possivel existir uma d'essas uniões eternas, chimeras brilhantes da idade de ouro, em que tudo se pinta ao coração do mancebo com as mais vivas côres, em que tudo lhe sorri, e falla d'amor, em que a mulher é para elle um anjo descido lá de cima, perante a qual se curva como um escravo. Effectivamente o mancebo enamorado até ao delirio soffreu uma decepção pungente. Passado um anno, em que viveu ao lado da sua divindade, foi por ella abandonado, e a sua alma, que não tinha ainda experimentado outra sensação, e que acreditava nas palavras da mulher, caiu do sonho celeste em que vivêra na triste realidade. Passou então novamente a viver na solidão. Soffrendo dôres moraes pungentissimas, deixou a Polonia, visitou a Austria, de Vienna voltou a Varsovia, d'ali a Dresde, e depois a Berlin. Regressando finalmente á França, que não tinha visto havia seis annos, não trazia mais fortuna, que a que tinha levado, mas vinha rico de experiencia e de recordações.

Uma especie de aspiração para o infinito, uma ardente febre de vêr tudo, doença ordinaria das gerações novas, impellia-o continuamente para as regiões desconhecidas. Para este exilado voluntario, a patria não era senão o acordar socegado e alegre de um dôce sonho. Deixou finalmente a França outra vez.

Propoz-se-lhe o fazer parte de uma expedição a Madagascar. Entrevendo a esperanza de realisar o seu querido projecto de colonisação, accitou immediatamente. Houve motivos, que o obrigaram a desistir da empresa. Passou então á ilha de França, onde viveu tres annos.

No seu regresso publicou a *Viagem á ilha de França*, que não teve o successo, que se devia esperar. Já n'aquella obra se revelava a originalidade do philosopho e do escriptor; já ali se liam estas palavras, que encerram a sua feição caracteristica e saliente: «*Le fond d'un tableau de la vie humaine c'est un paysage.*» É este o começo do livro, e o fim corresponde ao principio. N'esta narração apparecem já os nomes dos logares immortalisados na sua melhor obra, *Paulo e Virginia*. Quem ha ali hoje que não conheça a igreja *des Pemplemousses*, o cabo *Malheureux*, a bahia *des Tombeaux*; poeticas designações applicadas com tanta graça á pathetica historia dos amores d'aquelles dous entes?!...

(Continúa.)

J. C. HARCOURT.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPITULO VII.

O castello de Santa Olávia.

O rosto de Telo Ervigiz, ora branco, ora afogueado, exprimia a dor, o espanto, e a sêde de vingança. O assombro pintava-se nos beiços entr'abertos e nos olhos dilatados; a cholera nas pupillas encandeadas como as do tigre, e nas alvas, que o furor injectava de veios sanguíneos.

— «Infame . . . o solar de Lanhoso! . . .»

Eram duas palavras que em toda a vida não saberia ajuntar nunca.

— «A filha de meu pae,» continuou D. Martim, «a filha de teu amo ficará viúva sem ter marido . . . percebeste? E o appellido da nossa casa manchado com a infamia das prostitutas! Amanhã, não duvides, ao tecto em que moras ha de chegar também o homem de Riba-Douro, e arrancando o filho do peito á mãe, affrontando-a, rir-se-ha de ti, como se ri de mim o covarde! . . .»

O solarengo não respondeu. Mas os cabellos e as barbas pareciam espinhos; e os dentes alvos e aguçados rangeram uns nos outros. Com um revez da hacha lascou a aresta da campa visinha.

— «Fiz-te livre, Telo Ervigiz; ponho nas tuas mãos agora a honra de Lanhoso. Ving-a. Queres apagar a affronta de teu amo?»

Telo Ervigiz, sem o entender bem, ajoelhou-se largando a hacha.

— «A mim essa pergunta?!» disse quasi chorando.

— «Então,» atalhou Martim Paes, «farás o que eu mandar?»

— «Tudo.»

— «O homem que nos deshonrou chama-se Gomes Lourenço.»

— «Onde está?» gritou dando um passo.

— «Perto; vem no caminho d'este castello. Quero que morra ás tuas mãos como traidor.»

— «Apezar de velho não erro a sêta com o meu arco; e um golpe do meu braço rompe até aos ossos. . .»

O senhor de Lanhoso soltou um sorriso apenas ouvindo-o.

— «Não entendes! Morrer assim não era morrer para elle! É preciso que veja cavar a cova, cozer a mortalha, e aliar o cutello. . . Quero que acabe justigado por ti.»

— «Por mim!?! . . .»

E ao proferir estas palavras recuava de horror uns poucos de passos. A falsa e grosseira idéa dos deveres do homem d'armas tirava-lhe o escrúpulo de matar com a apparencia de combate; porém ao nome de algoz a vergonha e a afflicção cortaram-lhe a alma.

— «Telo Ervigiz,» bradou Martim Paes «levaria eu dez annos a fazer um ingrato? e, vendo-o immovel uniu as mãos, exclamando: — «Meu Deus, faltava-me mais este!»

O homem d'armas, com a cabeça pendente e os braços hirtos, ficou calado.

— «Se não ha outro que o faça» murmurou em fim, «seja eu! mas os meus filhos serão chamados os filhos do carrasco.»

— «Quem saberá?» acudiu o cavalleiro.

— «Deus!» acudiu uma voz atraz d'elle. Olharam e viram o monge de Cister.

— «Deves a Martim Paes,» disse o frade virando-se para Telo, «o corpo e a liberdade. Que te lance ferros e te mate, se puder; mas não tente perder-te a alma. Pelo sangue de Christo, não vendas o que é do céu!»

— «Santa Virgem!» soluçou o solarengo.

— «Não, homem temente a Deus, vende a teu amo,» disse D. Martim com amargura. «Castiga-o da loucura de acreditar que podia haver lealdade no peito de um villão.»

Era tão pungente o ar com que disse isto, que vinte punhaladas doíam menos. Telo Ervigiz não resistiu; abaixando a cabeça, murmurou tristemente:

— «Serei verdugo . . . o que quizerem. Mas depois. . .»

— «Espera-te o castigo dos que matam contra a lei de Deus!» bradou o frade, ameaçando-o.

CAPITULO VIII.

Um do inferno, ou vem da terra?

D. MARTIM não lhe respondeu, e puxando de lado a Telo Ervigiz, fallou-lhe quasi ao ouvido por algum tempo. Insensivelmente foi levantando a voz, de fórma que as perguntas e respostas D. Nuno e Fr. Munio ouviam-nas do lugar aonde estavam.

— «Na ermida?» interrogava Telo.

— «Sim. Ali!» respondia o cavalleiro, apontando para um espaço entre os tres tumulos.

— «É a tumba?»

— «Ao pé.»

— «O cepo?»

— «Do outro lado.»

— «É na casa de cima?»

— «Nada. É para *ella*.»

— «O signal?»

— «Tres repiques de sineta.»

— «Deus me perdõe! . . . E depois?»

— «Na barbaan (1) os cavalloos enfreados; e os homens d'armas, com o pé no estribo.»

— «Ficac descangado.»

E Telo Ervigiz saiu com os olhos arrazados d'agua, a cabeça baixa, e os braços cruzados sobre o peito. D. Martim seguiu-o com a vista até elle transpôr a porta; e encostando-se á espada, ficou silencioso e pensativo por alguns momentos.

— «Até este homem tão leal! . . .» disse elle. «Mas que me importam os remorsos de um villão, se me queima a vergonha nas faces, se me arde o odio no coração! . . . E depois? . . .»

Como algumas vezes acontece aos que meditam atribulados, esqueceu-se de si e dos que o rodeavam, pronunciando em voz alta as ultimas palavras. Por acaso levantou a vista, e achou fitos no seu rosto os olhos escrutadores do monge de Cister.

— «É verdade, Martim Paes» atalhou Fr. Munio em tom brando; «ao provar a vingança ó doce de mel; mas depois torna-se de fel.»

— «Não ha fel, se nos fica um inimigo de menos,» acudiu D. Nuno, que se aproximára.

— «Enganaes-vos, D. Nuno, porque ficam os remorsos de mais.»

— «Visões!» respondeu o cavalleiro, encollendo os hombros. «Ainda não morreu peccador que vós os monges não absolvesseis por bons legados. Na pia

(1) Muro baixo ante as muralhas.

dos mosteiros todas as mãos podem lavar-se ainda que tragam sangue.»

— «Deus perdõe a quem abriu esse leilão á porta do seu templo. Os homens riem-se, mas a religião condemna.»

Martim Paes escutava-os em silencio, traçando com a ponteira da espada figuras sobre a terra movediça. Ouvindo o monge ergueu a cabeça, perguntando com ar d'escarneo:

— «Quando fallam verdade então os padres?»

— «Quando prégamos a lei de Deus.»

O cavalleiro de Lanhoso enmudeceu, e D. Nuno murmurou, encaminhando-se para a porta:

— «Estes monges, brancos ou negros que sejam, ninguém é capaz de os entender!»

Pegando então no braço de Fr. Munio, Martim Paes exclamou:

— «A affronta foi tamanha, padre!... Quem me fará justiça?»

— «Já t'a negaram, mancebo?» redarguiu o monge. «El-rei e a sua curia não sabem de nada; queixa-te!»

— «Contem isso a outros;» atalhou, rindo com desprezo, o cavalleiro; e batendo o pé com furia acrescentou: «Não querem, reverendo nono. Depois de feito diriam encollendo os hombros; que quereis, já não ha remedio, ou se eu soubera!... O rei?!... tomara elle mais tempo para lançar ao vôo os falcoes, e correr os javalis, em quanto os seus validos entram pelos solares a deshonnar donzellas nobres, como filhas de populares. Justiça d'el-rei?! Quando a houve n'este reino?»

— «Quando tu e os teus ignaes a não faziam por suas mãos,» respondeu seccamente o frade.

— «Não temos outra...»

— «Tendes a que chega aos mais.» Atalhou Fr. Munio.

— «Elles não sabem?» proseguiu Martim Paes, como se o não ouvi-se. «Ensinem-os a cabeça dos traidores, posta no alto das torres. Não vêem? Abram-se-lhes os olhos. Ah! fazem-se deslembrados! Nós os acordaremos.»

— «Bem se conhece que morreu el-rei D. Sancho!» replicou o monge amargamente. «O leão velho na cova não mette medo. Guarda-te, porém, das garras do novo, D. Martim!»

— «D. Afonso II, o Leproso! Esse não ha de morrer de lança nem de flecha!» exclamou o cavalleiro, rindo.

— «Mancebo, a cholera do rei é a cholera do leão.»

— «Fallas do seu valido, padre! Pois não! Gomes Lourenço, o collaço, o amigo de D. Afonso, ninguém seja ousado a molestá-lo, ainda que nos roube irmãs e filhas. Acende a paciencia, tanto monge?»

— «Na desgraça!»

Era tão verdadeiro e sincero o tom em que foi dada a resposta, que o senhor de Lanhoso, estacando no passeio precipitado, com os punhos ainda fechados de raiva, fitou o frade com admiração.

— «Martim Paes, filho,» disse este severo, «já alguém te amou, ia a dizer tanto, mas dirci só, mais do que eu?»

— «Não. Mas a honra acima de tudo!...»

O monge sorriu-se sguediado a cabeça com ar incredulo.

— «A honra!... Ah! Martim Paes, não se enganam assim os velhos. Para que mentes a Deus e a mim?»

— «Olha o que dizes, padre. Fallas de mentira a um cavalleiro!»

— «Fallo. Se o cavalleiro mente que remedio ha senão lembrar-lh'o!» acudiu o frade sem se alterar. Depois, mostrando as barbas brancas, e fitando-o com olhar tão penetrante que elle mal o podia soffrer, ajuntou em voz severa:

— «Sabes ha quantos annos eu choro n'este valle de lagrimas, mancebo?! Julgas, e os que nasceram hontem, que as amarguras da vida não dão experiencia?» E mudando para um tom aspero: «E' a honra de D. Maria que accende essa tua sêde de sangue? Responde; atreve-te a dizer-me que sim! Porque não acceitas então o nome de Gomes Lourenço para a lavar?»

— «Porque é um covarde...»

— «Quem? exclamou o monge com indignação. Vi-te de joelhos pedir-lhe a vida, e o de Salzedas perdoar-t'a; diante de mim, D. Martim, chamaste covarde?»

— «Padre!» bradou o cavalleiro irado.

— «O covarde, se existe, não é elle,» continuou o monge friamente.

— «Padre!» rugiu D. Martim, arremettendo com a mão no cabo do punhal.

— «O fraco és tu!» proseguiu no mesmo tom o frade. «E eu te digo porque. Tu, o valido de D. Sancho I, aborreces o homem que te succede na privanga do rei novo. Os infantes descontentes saem do reino. As infantas, a quem negam as heranças, defendem-nas em seus castellos. Os cavalleiros moços correm a flôrear as lanças debaixo do pendão das damas. O senhor de Lanhoso, atirando-lhe á cabeça de um dos Viegas, do collaço de D. Afonso o Leproso, não se vinga a si, e não os vinga a elles? pôde ser mal acceito? Eis a razão do teu odio Martim Paes.»

O cavalleiro de Lanhoso, quasi succumbido, vendo-se descuberto, pasmou a vista no rosto do monge, e pallido como um defunto, nem animo teve para o desdizer.

— «A ambição foi sempre irmã do crime,» disse Fr. Munio. «Não te fies n'ella, Martim Paes; é como Judith. Olha que namorado nenhum lhe deitou a cabeça no regaço, que lh'a não cortasse ao primeiro somno.»

D. Nuno, que já tinha voltado, ouvindo isto, trocou uma vista rapida e desalentada com o senhor de Lanhoso; e essa vista, que não escapou ao frade, queria dizer: «estamos conhecidos.» Depois todos tres, caldos e contrafeitos, mediram-se por algum tempo. O monge tinha adivinhado o abysmo de infamia em que se perdiam aquelles homens. Colhidos de sobresalto ambos, estavam como assassinos na presença do cadaver, tremendo que uma accusação saísse dos labios mortos ou gotejasse das feridas. De repente Fr. Munio, travando da mão a Martim Paes, levou-o com impeto ao pé do tumulo de Mogo Anures, e mostrando-lh'o com o dedo, bradou:

— «Sabes a historia d'este homem, Martim Paes?»

O cavalleiro, acenando com a cabeça, respondeu que sim.

— «Sabes em que dia estamos?»

— «Sci.»

— «Faz hoje mais de um seculo que este sepulchro foi o leito nupcial de dous amantes, e que lá em cima, na sala d'armas, se travou um combate tão medonho, que Deus affastou os olhos da terra, e o mesmo inferno teve horror. Martim Paes, o cadaver das victimas descança entre flôres, mas Inigo Lopes, o amaldiçoado, não pôde ter repouso.»

— «Padre, o braço que feriu o coração, e derramou o sangue do inimigo, foi um braço nobre. Inigo Lopes,» exclamou estendendo a mão com força,

«nas azas da tormenta, ou nas voragens da terra, ouve o juramento que faço, de accender as tochas do enterro no dia da tua vingança.»

— «Não blasphemes!» atalhou o frade com imperio. «Insensato, não acordes os mortos do seu repouso!»

— «Aquelle soube ser homem. Lavrou em tres sepulturas a historia da sua vingança.

— «Não chames por Inigo Lopes,» disse o monge com algum tremor na voz. «Gomes Lourenço é sangue d'elle. O alcacer em que estamos era de parentes teus; o conde Ordonho, tronco da tua casa, foi o pae d'Auzenda, a noiva do S. João. Desafiaste o inferno; guarde-te Deus que te levante a luvá.»

— «Vivo ou morto, venha quando quizer. Anno e dia esperarei o repto.»

— «Jesus!» bradou o frade, branco como o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso, ou fosse mysterio, o guante ferra-do d'uma armadura preta desprendeu-se e veio bater nas lageas, aos pés de D. Martin. O cavalleiro estremeceu, mudando de côr; mas ergueu a manopla. No canhão, em letras douradas, quasi comidas do tempo, leu o terrivel nome de Inigo Lopes.

Um instante o mirou calado, tremendo-lhe os dedos. Na fronte pallida o suor borbulhou ás gotas. Entre tanto, vencendo as commoções interiores, com apparencia tranquillá, virou-se para o frade, dizendo:

— «Pelo que vejo, os mortos acordam aqui! Temos um duello com Satanaz!»

— «Martin Paes,» gritou uma voz que parecia sair do fundo do sepulchro de Mogo Ansures; acceito o repto! De hoje a tres dias, á hora da meia noute, responderás perante Deus. Prepara-te!»

D. Nuno, dobrando-se-lhe os joelhos de terror quasi caíu de bruços; a D. Martin acontecia-lhe o mesmo, se não se encostasse á campa do conde Ordonho. Fr. Munio, tremulo e perturbado, exclamou, estendendo o braço:

— «Estás satisfeito. O inferno emprazou-te. Breve será o dia do juizo.»

Uma risada convulsa e estridente resouu nas abobadas, e repetida nos echos foi morrer em cima na sala d'armas.

O mônge não disse nada; arrojando-se ao chão, começou a orar com fervor. Os dous cavalleiros tinham um nó na garganta, que os não deixava falar.

Sem dizer palavra, todos tres se encaminharam para a escada, que subia á sala d'armas. Os pés tremulos escorregavam nos degraus; e o silencio era tão profundo, que se podiam quasi ouvir as pancadas do coração, pulando atropellado dentro do peito.

Quando chegaram á sala d'armas, assentaram-se, e estiveram muito tempo sem fallar. Por fim, vitando-se para o monge, Martin Paes disse-lhe:

— «Ha de ser medonha a historia do Inigo Lopes!»

— «É... E o povo conta-a com mais terrôres ainda. Nunca á ouviste toda?»

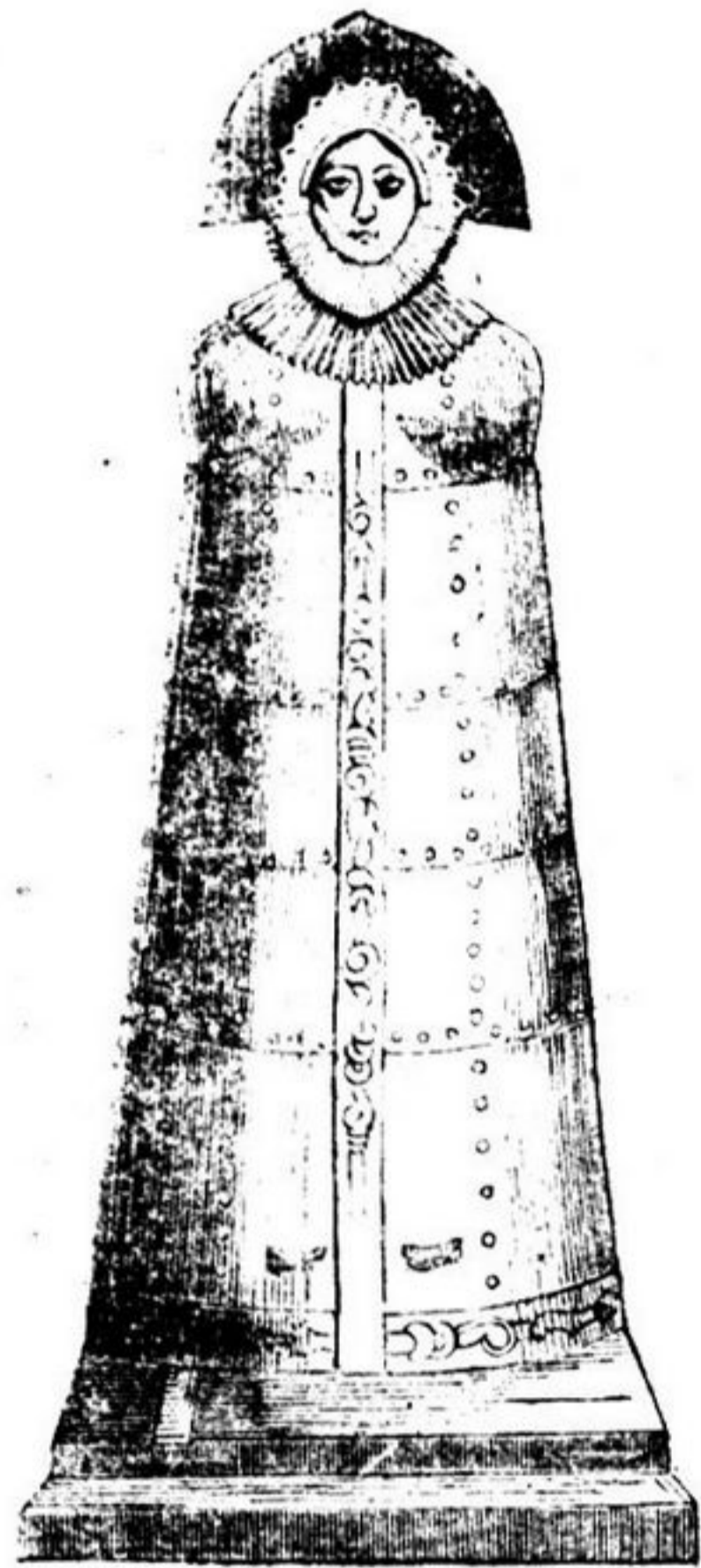
— «Nunca.»

— «Eu vol-a digo, como a ouvi da ama que me criou. Depois soube, que nem tudo agonteceu como a santa velha acreditava.»

— «Principiaes, Fr. Munio.»

E debruçando-se para elle, os dous cavalleiros fitaram-no com a curiosidade de quem deseja saber, em quanto o frade se recolhia e procurava ordenar na memoria as quasi obliteradas tradições. Decorridos alguns instantes, Fr. Munio começou assim:

(Continúa.)



A VIRGEM DE FERRO.

POLYBIO refere que Nabis, tyranno de Sparta, morto no anno 192 antes de Jesus Christo, mandára construir uma especie de machina, da fórma de uma estatua de mulher, ricamente vestida, á qual se procurára dar alguma simillhança com sua esposa a rainha Apega. Nabis convidava a sua casa ricos cidadãos, e pedia-lhes grossas sommas de dinheiro para acudir ás despezas da religião e outras. Se estes lhe respondiam negativamente, dizia-lhes então: «Vejo que não tenho assás de eloquencia para vos persuadir: espero porém que minha esposa seja mais feliz do que eu.» Depois, a um signal seu, via-se apparecer a estatua sentada. O tyranno offerecia-lhe a mão; ella erguia-se, e travando do hospede renitente, cingia-o com os braços contra o peito. Ora debaixo dos vestidos estavam escondidos agudissimos ferros: por consequencia o infeliz, ou promettia immediatamente entregar o que lhe pedissem, ou em breve percia victima do horrivel abraço.

Um sabio inglez, o sr. Pearsall de Wilsbridge, persuadido de que a pratica d'esta invenção do feroz grego não escaparia a imaginação cruel da idade media, guiado por vagas informações e esclarecimentos, dedicou-se a procurar a moderna Apega.

Primeiro designaram-lhe o castello de Koenigstein, cêrea de Frankfort, como o lugar em que deveria achar um d'estes singulares monumentos de supplicio, depois uma torre na muralha de Moguncia, e finalmente varias outras fortalezas no Rheno. Visitou tudo com o mais scrupuloso cuidado, e nada encontrou.

O laborioso investigador consultou então os homens instruidos, e alguns juriscônsultos: uns e outros riram-se da sua credulidade, e lhe pediram que se não mettesse seriamente em investigar cousas que não passavam de ser historias da carochinha.

Meio convencido e desanimado, o sr. Pearsall deparou por acaso em um livro, publicado em Nuremberg, no anno de 1792, com uma noticia muito explicita e muito circumstanciada da existencia de uma machina semelhante á do monarcha spartano, construida em 1533, e que o auctor affirmava existir n'aquella cidade.

Correu a Nuremberg, e de feito não só ali encontrou vestigios da *virgem de ferro*, mas tambem lhe declararam que esta machina, com outras que existiam no seu arsenal, tinham sido conduzidas n'um carro, por occasião da invasão dos francezes, ignorando-se porém onde paravam.

Finalmente, após muitas diligencias infructuosas, o incansavel inglez foi deparar no castello do barão de Diedrich com a *virgem de ferro*, que havia tanto tempo procurava, e que é como a nossa estampa a representa.

A fórma exterior da estatua é a de uma burguezia de Nuremberg no seculo 16.^o, e compõe-se de barras e circulos de ferro cubertos de folha de ferro pintada. Abre-se a machina pela frente, por meio de dous postiguinhos, que giram sobre gonzos collocados dos lados. Interiormente, e na altura da cabeça, tem dous ferros quadrangulares, na do peito direito, treze, e na do esquerdo oito; os primeiros eram sem duvida destinados a cegar a victima.

Diz-se que existem machinas semelhantes no castello de Ambrass, cêrca de Inspruck, no castello real de Berlin, e no castello de Schwerin.

Segundo a opinião do mesmo sabio, e informações que obtive, parece que fôra a inquisição de Hespanha que primeiro empregára na Europa moderna uma horrivel machina de tortura igual, a que o *santo tribunal* dava o nome de *Mater dolorosa*. Da Hespanha julga-se igualmente que fôra importada na Allemânia, no reinado do imperador Carlos V.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

Uma viagem a Bissau. — Os capuchos da Soledade. — As ilhas de Gallinhas e de Bolama. — Fagannhas do vapor inglez Pluto. — A nossa mais antiga e fiel alliada. — O maior Veiga Santos, ou dous seculos de permicio.

II.

Foi uma bella e magnifica visão de religiosidade e de patriotismo, que apenas durou poucas horas. Algum tempo depois precipitava-me d'estas alturas de uma poesia cheia de sentimento, na prosaica e angustiosa realidade, os factos inexoraveis; e uma dôr intensissima me atravessava o coração, como a larga e fria folha de uma face. Então daria o pouco de que podia dispôr, tudo o que possuia, para gosar de novo ainda alguns momentos aquellas deliciosas visões que me encantaram por tanto tempo, e que desapareceram para não voltarem mais.

Ja passamos a ponta de Bium. Vamos agora deixando pela albeta de bombordo a ilha da Ponta, e vem-se-nos aproximando, por o mesmo lado, a rica, mas insalubre ilha de Bolama, que, pelo vagar com que vem, parece que arrasta pesadas cadêas que lhe impedem o andar, mas que nos dá tempo de examinarmos bem á vontade a de Gallinhas, que, de envergadura, se foi collocar um pouco mais atraz, como se quizesse esconder-se entre as suas duas irmãs, a ilha da Ponta, e a de Bolama.

E de que tem ella de envergonhar-se? É uma

bella porção de terreno com cinco milhas de extensão e quasi tres de largo, fresca e viçosa, como uma donzella que saiu agora do banho: tambem lhe não faltam adornos; que mais frondosos e copados arvores, que os seus, não apresentam aquellas por detraz das quaes se foi esconder, nem maior copia de aguas; levando-lhes mesmo a primazia pela salubridade do seu clima.

Mas como está triste e cuberta de lucto! O rio não ostenta ao pé d'ella esses trajos de verde claro, com que até aqui se ornava; apresenta-se com vestes lugubres, como se quizesse mostrar que toma parte em suas maguas. Um ultimo raio de sol, pallido como a dôr, atravessa a cortina de vapores que fecha o seu leito, e vem lançar uma claridade tremula, e amortecida sobre os véus sombrios que me não deixam admirar os encantos da mimosa e modesta filha do Rio Grande: pobre nympha! conheço as tuas maguas, e tomo n'ellas uma parte bem sincera!

O regulo de Kanabá cedeu a Joaquim Antonio de Mattos o dominio util e directo sobre esta ilha, e o novo proprietario cedeu-a tambem em toda a propriedade á corôa de Portugal, requerendo-lhe o aforamento d'esta sua possessão, para continuar o estabelecimento agricola, que ha annos começára, e que ia em progressivo desenvolvimento. A doação a Portugal e subsequente concessão teve logar em 1830. Tal é historia do direito perfeito que temos sobre esta ilha, que comtudo em 1607 era portugueza, a quem foi offerecida pelo respectivo rei, ainda que parece que depois foi tida em menos conta, e até despresada, como temos despresado tudo, que os estrangeiros depois nos arrebatam e engrandecem. É certo que n'esse tempo se faziam ali, e na ilha de Bolama, grandes côrtes de madeiras, que ha muitos annos se não fazem, pois a ultima vez foi em 1827.

É noute. A ilha de Bolama envolve-se n'um denso manto que a torna impenetravel a todos os olhos: dir-se-ia ao vél-a prostrada por terra, e completamente envolta em crepes negros, que é uma viuva que chora, de joelhos sobre a praia, o esposo querido, que uma violenta tempestade lhe roubou, mesmo diante dos olhos, submergindo-o com o navio, quando anciosa o esperava palpitante de esperança e de amor...

Corria o anno de 1841, e os cruzadores inglezes, escolhidos e nomeados sob a influencia directa de lord Palmerston, ccalhavam, como os antigos filibusteiros, estas paragens, seguindo piratico-philantropicamente as instrucções d'aquelle ministro; pois que o seu successor, lord Aberdeen, mais justo e mais prudente, ainda não tinha podido substituir estas, e aquellas, devidamente, quando o vapor de guerra *Pluton*, ou *Plutus* (qualquer dos nomes convinha á natureza e ás pessoas da expedição!) appareceu no porto d'esta ilha de Bolama para repetir a conquista, que por mais d'uma vez tem começado em seis annos, visto que a supposta compra, que pelos annos de 1790 dizem os inglezes ter feito d'ella ao regulo do Rio Grande, a quem nunca pertenceu, não podia ser considerada um legitimo titulo de posse; e por isso tem buscado reforçal-o com as praticas d'esses salteadores do mar, que, assaltavam de improviso uma terra, roubavam-na, incendiavam-na, e retiravam-se carregados de despojos.

Não era difficil esta façanha. A ilha é deserta, e os escravos que trabalhavam nas terras não podiam luctar com uma numerosa força ingleza, bem armada, e protegida pelos canhões do vapor: a tropa portugueza, que defendia a nossa bandeira, constava unicamente de um destacamento de seis soldados pretos da guarnição de Bissau, cujas armas eram outras

tantas espingardas velhas e inutilizadas, talvez sem feixos, como costumam ser as que d'aqui se mandam para as colonias. Já se vê que não houve, nem mesmo podia haver a menor resistencia; os soldados deixaram-se amarrar, e maltratar com a impassibilidade (não direi estoica, não) com que os pretos de Santiago encaram os perigos, visto que não podia deixar de ser desgraçado o exito de um combate contra um bando de mais de sessenta marinheiros, armados até aos dentes, e já costumados a estas expedições; mas quando viram cortar as aderigas da bandeira, e esta cair por terra, e ser calcada aos pés do official commandante, e dos soldados da expedição, choravam de raiva, e faziam-se fulos de colera. Ainda choravam e impallideciam quando em seu dialecto contavam este attentado, de que tinham sido espectadores e victimas.

Proclamada a victoria ao som dos *hourrahs* chegou a hora do saque. Não era justo que os vencidos pagassem as despezas da guerra, e que se indemnisassem os invasores dos perigos que correram? As sementeiras foram queimadas, destruidas completamente: e as casas roubadas e incendiadas. Poucas horas depois, montões de cinzas mostravam o caminho que tinham seguido estes vandalos do 19.º seculo.

D'aqui dirigem-se á ilha de Gallinhas. A viagem é curta; bastam meia duzia de horas para fazel-a! Ainda o entusiasmo da victoria, e os vapores das frequentes libações da agua-ardente, que roubaram em Bolama, não tinham tido tempo de arrefecer, que já o *Plutus* estava fundeado em Gallinhas.

Aqui não havia bandeira portugueza, que irritasse o traçoeiro e feroz leopardo; tambem não consta que os inglezes tenham pretensões á posse e soberania da ilha; mas havia n'ella alguma cousa que devia excitar á raiva estes bucaneiros do 19.º seculo; havia um grande e florecente estabelecimento agricola, propriedade de um portuguez, resultado de seu genio emprehendedor, que podia, no fim de alguns annos mais, fazer uma terrivel concorrência aos especuladores de Gambia, não só em Bissau e povos contiguos, mas talvez mesmo em Gambia: devia portanto ser completamente destruido.

E foi destruido. O mesmo official salta em terra com o seu bando, roubam, quebram, saqueam, maltratam quanto encontram, ás lagrimas dos pobres colonos, e na ilha não havia outros habitantes, que é tambem deserta, respondem com pranchadas e golpes. Tudo foge diante d'elles, como as ovelhas diante do lobo devastador... Ouvem-se tiros; o que era? quem é que ousava arrostar as iras dos barbaros, que por os excessos de sua crueldade deixavam a perder de vista os proprios selvagens? descençaes, valentes e briosos heroes, não vos aterreis! ninguem póde lutar contra vós: esses tiros é o signal de mais uma façanha digna de illustrar os fastos de vossas proezas maritimas... Vinde, correi todos, vinde contemplar o heroico feito de um dos vossos; acolá jaz por terra, banhada no proprio sangue, e com o rosto contra a terra, a joven filha do pobre velho, a quem acabas de lançar quasi na indigencia.

Duas ballas a atravessaram pelas costas, quando fugia para se livrar do amor brutal de um novo satyro, que se vingou dos despresos que soffria, disparando sobre ella dous tiros de pistolla um atraz do outro. Feito heroico, acção cavalheirosa, digna de figurar ao pé do bombardeamento de Copenhague, da traição de Quiberon, e de Toulon, e da crueldade com os affogados do Douro; mas que não sei como foi paga com a infamia, porque se lhe annunciou que Sua Magestade a rainha Victoria não o julgava merecedor da

honra de apparecer na sua real presença; o que, segundo consta, foi causa de sua morte. Eu disse que lord Palmerston já não era ministro dos negocios estrangeiros de Inglaterra.

Bolama e Gallinhas fizeram-me desvanecer todas as suaves illusões, aquelle patriotico entusiasmo, que até então haviam engrandecido a patria a meus olhos; hontem, paiz de heroes, hoje, agglomeração de seres abastardados! Lagrimas de dôr e de desesperação caíam-me dos olhos sobre as faces, que escaldavam, tão forte era o fogo da raiva que as fazia ferver! Ainda agora o meu peito é um verdadeiro vulcão. É falla-se em tirar dos chins uma vingança estrondosa! é impossivel! quem soffreu com humilde resignação a affronta do Pluton já não tem sangue nas veas, e ha de soffrer com igual resignação todas as affrontas, sejam de quem fôr. Não creio que sómente para os chins tenhamos brios.

Eu sentia que, se a tanto chegasse o meu poder, faria desapparecer a Inglaterra da lista das nações. Era uma vingança injusta este desejo feroz, bem o sei, porque ali ha muitos homens virtuosos, milhares de irmãos nossos pela religião, que não podem deixar de passar uma severa condemnação a estas e outras brutalidades praticadas pelos agentes do seu governo; mas não são as nações responsaveis pelos crimes dos seus governantes, e de todos os que por qualquer fórma as representam, no tribunal da razão humana?

A paixão não me deixava a liberdade de pensar, como hoje penso: o que agora me parece um crime contra a religião e a humanidade, affigurava-se-me então um desejo nobre e patriotico. É não era só contra a Inglaterra, que no coração me reservava o odio! era tambem contra os homens que saudavam Palmerston, esse perpetuo agitador da Europa, esse revolucionario doutorado como o protector da liberdade dos povos; que choravam a sua queda, e suspiravam pela sua volta ao poder, para continuarem estas e quejandas expedições, agora interrompidas, contra a nossa honra e dignidade nacional. Haveria entre esses alguns portuguezes? Não o creio hoje, e não o cria então.

Mas no meio d'este movimento máu, que hoje condemno, e que pouco depois de o ter sentido condemnei igualmente, as minhas idéas tomaram uma outra direcção. Elevei a Deus a alma, curvei-me diante de sua justiça, e chorei o meu peccado, reconhecendo que havia n'estes actos um castigo, paternal ainda, mas que seria sem duvida seguido de outros mais terriveis, mais custosos de supportar, se continuassemos a imitar o exemplo dos judeus, que adoravam os idolos, e despresavam o Templo de Jehovah. E com tudo elles tinham ainda arraigada no coração a paixão do patriotismo, a aversão ao jugo estrangeiro, e nós vamos estender-lhe a cerviz, e escarneçemos do patriotismo como de velharias ridiculas, só desculpaveis nos fosses, que ainda presam o nome de portuguez.

Tinhamos voltado costas á cruz, trocamos nossa passada fé em Deus pela alliança ingleza, pela confiança em sua amizade, pelo culto do bezerro de ouro; por isso a cruz tambem nos desamparou, assim como a tinhamos desamparado; perdemos a protecção que ella nos assegurava, e que nos fizera grandes, ricos e invenciveis; e ficamos expostos ao escarneo, ás affrontas d'aquelles mesmos de quem tinhamos solicitado a protecção, a quem entregamos nossas crenças e nossa nacionalidade, e que d'antes nos respeitavam, olhavam para nós com respeito e com inveja, e requestavam a nossa amizade... Ajoelhei resignado diante d'este novo *agouté de Deus*, a quem

pedi perdão de minha falta de submissão a seus decretos eternos!

São nove horas da noite. Estamos ancorados no fundeadouro de Bissau, mas a tolda acha-se completamente deserta. Só os marinheiros se vêem forçados a affrontar as perigosas cacimbas da costa, e assim mesmo cercados de todos os resguardos compatíveis com a segurança do navio. Para passar o tempo e allungar o somno cantam, ou conversam: eu ouço o rumor confuso das fallas, ou os sons melancolicos de um rimance maritimo, que á pròza se tarêa.

Deitado no meu beliche, passava pela memoria todos os successos do dia, que a imaginação me apresentava revestidos das côres sombrias que lhes fazia trajar: meditava no que tínhamos sido, e no que estavamos sendo, no tão máu pago que nos deram aquelles mesmos a quem tudo sacrificamos: lembrava-me tambem do tempo em que o rei da ilha de Bissau pedia, como um grande favor, que os portuguezes construíssem n'ella uma fortaleza para proteger os seus povos, e impedir que fossem os estrangeiros *affrontal-os, como faziam os ingrezes, francezes, e flamengos*; e perguntava-me a mim mesmo, o que era feito d'essa grandeza, fascinado pela qual o potentado preto considerava uma grande honra, a que apenas se atrevia a lançar olhos de esperança e de supplica. *ser filho do rei de Portugal, e parente do governador de Cabo Verde...*

Mas ao mesmo tempo não podia esquecer-me de que, em 1824, um governador da praça, e n'ella logar-tenente do rei de Portugal foi indignamente esbofetado pelo regulo de Intem, que se apoderou da fortaleza por surpresa; e que o governador de Cabo Verde nenhuma providencia tomou para fazer respeitar a honra de Portugal: eu sabia que depois disto a bandeira portugueza tremia diante de um regulo desprezível, bebado, insolente e fraco; e que se comprava a sua amizade (?) com avultados presentes, pedindo-lhe que respeitasse as casas e pessoas dos negociantes, que só deviam ser protegidas pelas bôcas de fogo e pela guarnição da praça, assim como, que não hostilizasse a guarnição da mesma. Eu corria-me de vergonha, lembrando-me de que esta torpe imitação das *gracas* que o imperio romano, em sua decadencia, dispendia com os barbaros, que o guerreavam, tinha produzido iguaes effeitos; porque estes donativos aguçaram mais a cubiga do pigmeu, que fazia trem gigantes degenerados, e augmentaram sua insolencia para exigir mais donativos, tanto da praça como dos negociantes.

A memoria, cruelmente fiel, fazia-me recordar que dezeseis annos depois se dizia quasi oficialmente a um official da marinha britannica, que *Portugal não possuia na ilha de Bissau uma pollegada de terreno fora dos muros da praça!* ignorancia deploravel que só foi em parte compensada pela prudencia com que se lhe negou essa declaração, ou confissão por escripto, como elle a exigia. Quaes seriam as consequencias de se lhe dar esse papel vergonhoso, pódem facilmente suppor-se da *haldade* britannica! ella saberia confundir o facto com o direito, e fundando-se na ignorancia e na incuria da auctoridade portugueza, continuaria a mostrar, como tem feito ha dous seculos a esta parte, que é a *nossa mais fiel e mais antiga alliada*.

Mas era preciso mais alguma coisa que manifestasse bem o nosso abatimento, o nosso vilipendio, n'estas patagens que tinham sido testemunhas de nossa gloria, e de nossa soberania. O major separado do quadro do exercito, Veiga Santos, governador interino de Bissau em 1844, consentiu que no seu quartel se fizesse um tratado, entre o comman-

dante de uma das embarcações do cruzeiro inglez n'aquella costa, e o regulo de Bandim, para que os inglezes se pudessem estabelecer em qualquer ponto do seu districto, que mais lhes agradasse. Ainda fez mais este zeloso governador! assignou este tratado como testemunha d'elle, e levou a *condescendencia* até a encarregar-se de mandar chamar o regulo á praça, que veio e se prestou a celebrar o tratado, julgando que fazia n'isso uma coisa muito agradável e lisonjeira á rainha de Portugal; e este governador foi conservado ainda depois d'isto: nem ao menos se lhe deu uma exoneração motivada!

Compare-se 1604, 1824 e 1840. Que distancia immensa, não de tempo — o que são 236 annos? — separa estas duas epochas! Em 1604 gloria e poder; em 1824 e 1840 deshonra e fraqueza!

Uma epocha é de religião, de patriotismo e de grandeza; a outra é de utilitarismo, de vilipendio e de degeneração! Cada uma d'ellas se apresenta ás nossas vistas com as suas feições dominantes, com as suas idéas characteristics, tão dissimilhantes, tão incompatíveis, como o são os actos e os procedimentos, que as distinguem.

Continuemos, que a decadencia tambem é um progresso, que todos pódem alcançar.

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

Até quando, ó meu Deus, até que dia
Se ha de vêr no banquete da existencia
Um manjar que não seja para todos,
Um logar de que alguém possa expulsar-se?
Até quando será o mundo inteiro
Patrimonio d'alguns, e para os outros
A penuria, a nudez, o desamparo,
E por só privilegio a fome e o carcere?

A. LIMA — MURMURIOS.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e nas lojas dos sr.ºs Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.ºs 1\$300 rs. Por semestre ou 26 n.ºs 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.ºs que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.